



GT 64. Olhares Antropológicos sobre Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional

Coordenador(es):

Renata Menasche (PPGAnt/UFPel e PGDR/UFRGS)

Janine Helfst Leicht Collaço (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Necessidade de primeira ordem, o ato de comer é também fato econômico, social e cultural. Assim, ainda que inserida em rotina e aparente monotonia, a ingestão de alimentos não é ação neutra, revestindo-se de sentidos e valores, que se concretizam em escolhas e práticas alimentares. Comer é, também, ato político. Em 2014, após uma década em que o combate à fome orientara a agenda de políticas públicas, o Brasil deixou de constar do Mapa da Fome, quadro que, desde 2016, com a redução dos gastos sociais do governo, vem retrocedendo. Segundo a legislação brasileira, a Segurança Alimentar e Nutricional “consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis”. É nesse quadro que este Grupo de Trabalho pretende provocar a reflexão, estimulando, a partir da Antropologia, a problematização de noções que constituem o marco conceitual do debate em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, acolhendo especialmente estudos etnográficos que abordem questões atinentes a classificações da alimentação e outras que possam iluminar, a partir de perspectivas de distintos grupos, critérios que falam de gênero, qualidade da comida, de fome, de obesidade, de saudabilidade, de sustentabilidade etc.

Autobiografia alimentar : um recurso para ressignificar a alimentação em sociedade

Autoria: Anelise Rizzolo de Oliveira (UNB - Universidade de Brasília), Priscila Olin Silva

A alimentação é um fenômeno social complexo, polissêmico e multidimensional. O ato alimentar está ligado tanto aos processos biológicos, quanto aos culturais da espécie humana, traduzindo a complexidade dos processos adaptativos dos povos e sociedades. Está presente na esfera do coletivo e do público, mas também do individual e do privado. Este work tem a proposta de apresentar a autobiografia alimentar como abordagem de ressignificação do papel da alimentação em sociedade. A alimentação se constitui a partir de valores, crenças, hábitos, atitudes e representações sociais. A história oral, mais do que sobre eventos, fala sobre significados, imaginação e simbolismo. A memória é processual, desordenada e datada. Ela vai construindo-se e desenhando sentidos na relação entre a experiência passada, presente e futura, dialogando com a subjetividade de quem narra e de quem o/a escuta, dialeticamente. Nessa perspectiva, a autobiografia alimentar foi realizada em projetos de extensão da Faculdade de Saúde e da Faculdade de Planaltina da Universidade de Brasília, entre 2018 e 2019. worku-se em roda de conversa e discussão em grupos, mediante a apresentação de narrativas/histórias de vida, com compartilhamento de experiências e memórias alimentares. Após, identificou-se temas-chave para aprofundamento com os participantes, como: gênero, prazer, corpo, transtornos alimentares, comensalidade, identidade, regionalismo e escolhas alimentares. A história de vida possibilitou exercitar a cultura ?do lado de dentro?, pois o relato autobiográfico, inscreve o papel da alimentação na vida íntima e pessoal, entrelaçando-a com a vida em sociedade. Ao narrar a própria história, instaurou-se um campo de ressignificação e reinvenção identitária onde os/as narradores se enxergaram como seres humanos a partir da significação cultural, onde o simbólico/cultural é condicionante das escolhas. Quem narra, tem a liberdade de selecionar episódios, cenários, configurados e reconfigurados no diálogo com os ouvintes e espectadores das histórias. Contando a história pessoal e revisitando



limitações, dores, culpas, assimetrias, humanidades, estigmas, tabus, imposição de padrões e/ou afetos percebe-se a diferença como algo em comum. É a partir da história do outro que eu me reconheço e entendo que somos nós, e a compreensão do coletivo se estabelece enquanto identidade social. Por outro lado, a partir das relações de interseccionalidade (gênero, raça, classe) a comida é uma expressão das diferenças, um marcador social. A autobiografia a partir das histórias alimentares pode auxiliar no reconhecimento das tensões socialmente construídas em torno da alimentação, reconhecendo identidades e subjetividades e revelando estigmas e preconceitos sociais, tradicionalmente invisibilizados.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: